

Para Abrasca, déficit inibirá o reaquecimento

O déficit do balanço de pagamentos é o principal obstáculo a uma reativação acelerada da economia no próximo ano. Por esse motivo, o presidente da Associação Brasileira das Companhias de Capital Aberto, (Abrasca), Victorio Bhering Cabral, não vê condições para um crescimento superior a 3% do Produto Interno Bruto no próximo ano, se em 81 a expansão fixar próxima a zero. O que deverá ocorrer, em sua opinião, será a reativação de alguns setores onde o nível de desemprego atingiu proporções muito elevadas.

“Não basta aumentar a oferta de emprego no campo, porque a mão-de-obra desempregada nos grandes centros industriais — como a área do ABC, em São Paulo — tem um elevado nível de qualificação para ser utilizado nos setores em que se formaram, mas não está preparada para o campo e certamente não tem condições de fazer esse descolocamento”, explica Cabral. Assim, para reduzir o nível de desemprego nessa faixa de trabalhadores, que o presidente da Abrasca considera sem flexibilidade, deverão ser reativados os setores mais afetados pelas medidas de contenção adotadas este ano, e não propriamente os segmentos que dependem menos de importação ou que geram maior volume de emprego em geral.

INFLAÇÃO E JUROS

O presidente da Abrasca não vê perspectivas de grandes alterações no panorama

geral da economia em 82, a não ser nos níveis da inflação, que já caíram e deverão recuar ainda mais, podendo fechar o próximo exercício entre 70% e 80%. Tanto os níveis de inflação como as taxas de crescimento do PIB ficarão, assim, condicionadas a uma opção política de governo entre diminuir as taxas de desemprego ou controlar o déficit do balanço de pagamentos.

“Como em 82 haverá necessidade de captar grande volume de recursos externos, creio que os juros internos ainda continuarão condicionados às taxas externas”, prevê Cabral. Segundo ele, as autoridades deveriam optar por outras maneiras de estimular a tomada de empréstimos externos, abandonando-se o atual processo de sustentação dos juros em cruzeiros.

As empresas de capital aberto, em sua opinião, têm melhores condições de enfrentar um período mais longo de recessão, mediante a colocação de ações no mercado primário. Os juros elevados e a correção monetária mais realista deste ano ampliaram as perspectivas de melhores lucros com as aplicações em renda fixa, criando dificuldades competitivas para as aplicações de risco, como o mercado de ações. Com a queda prevista da correção monetária e a elevação das cotações nas bolsas de valores, o presidente da Abrasca admite que, em 82, haverá melhores condições para o lançamento de ações no mercado primário.